

CAPÍTULO 4

DO MITO (ΜΥΘΟΣ) AO LOGOS (ΛÓΓΟΣ): O SURGIMENTO DA FILOSOFIA (ΦΙΛΟΣΟΦÍA)

Data de submissão: 17/02/2025

Data de aceite: 01/04/2025

Wanderlei Pedro de Araujo Silva

Mestrando do programa Prof-Filo da universidade federal do Tocantins - UFT

RESUMO: Na Antiguidade Clássica surge uma nova forma de pensamento, que se distancia das narrativas mitológicas e das teogonias. Esse novo formato de pensar o mundo por intermédio da razão, busca fundamentos mais lógicos e mais aprofundados, tendo em vista uma a construção de um saber mais reflexivo e consubstancial. Nesse aspecto temos o nascimento da Filosofia, uma nova forma de ver e explicar o mundo que nos cerca e o cosmos. A Filosofia ganhará espaço como um método e um novo formato de pensamento e conhecimento humano. Hoje a Filosofia garantiu seu espaço em os mais relevantes saberes e dela muitos campos científicos surgiram. Filosofar hoje, nos garante uma condição crítica e reflexiva e condição mais elabora de pensarmos o mundo que nos cerca.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia, Nascimento, Mito e Razão

FROM MYTH (ΜΥΘΟΣ) TO LOGOS (ΛÓΓΟΣ): THE EMERGENCE OF PHILOSOPHY (ΦΙΛΟΣΟΦÍA)

ABSTRACT: In Classical Antiquity, a new form of thought emerged, which distanced itself from mythological narratives and theogonies. This new format of thinking about the world through reason seeks more logical and deeper foundations, with a view to the construction of a more reflective and consubstantial knowledge. In this aspect we have the birth of Philosophy, a new way of seeing and explaining the world around us and the cosmos. Philosophy will gain space as a method and a new format of human thought and knowledge. Today Philosophy has secured its space in the most relevant knowledge and from it many scientific fields have emerged. Philosophizing today guarantees us a critical and reflective condition and a more elaborate condition for thinking about the world around us.

KEYWORDS: Philosophy, Birth, Myth and Reason

INTRODUÇÃO

As narrativas mitológicas clássicas representavam um modo peculiar de compreender os fenômenos naturais ou metafísicos que intrigavam os seres humanos, a exemplo dos gregos e de outros povos antigos, que em suas culturas se utilizavam de tais referências míticas, deste modo, a religiosidade assumia uma forma expressiva de descrever o mundo e a natureza. A dedicação dos homens aos templos e aos deuses constituiu uma iniciação, motiva pelo ordenamento moral, pelos desafios do viver cotidianamente. Então a mitologia como um processo de formação da humanidade sofreu adaptações e transformações ao longo do tempo. A mito como uma forma de pensamento não sistematizado e aberto recebeu essas influências e se renovou a cada processo de aculturação, assimilação ou sincretismo. Se entendemos a mitologia por seus meios próprios e não ordenados do pensamento, diante de seus princípios não racionais, tendo como base o senso comum, sem se esquecer, de que esse tipo de pensamento possibilitou ao longo da história o desenvolvimento do pensamento crítico e sistematizado, à medida em ofertou um espaço para filosofar, tais espaços deixados pelo mito, permitiram o nascimento da filosofia, como elementos constitutivos de um saber puramente humano. Em síntese, o ponto de partida da filosofia é o senso comum, sem ele não haveria filosofia como a conhecemos na atualidade. Essa simplicidade condição nos leva ao aprimoramento do ato de pensar e possibilita no decorrer da história os pensadores pré-socráticos, antecessores de Sócrates (469-399 a.C.), Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.). Esse pensar filosófico alarga-se em um extenso amadurecimento do processo racional, o filosofar.

Após toda elaboração de um pensamento mítico, o mito em si, já não conseguia cumprir sua função de educar e explicar fatos da vida humana, é nesse momento que surge em meio a religiosidade, o enfraquecimento das antigas narrativas, que dão lugar a uma nova forma de pensar: a Filosofia (ΦΙΛΟΣΟΦΙΑ). Assim, é na tragédia grega, por meio do teatro, encontramos os representantes, desse formato de narrativa transitório do mito à filosofia e três escritores se destacam com representantes desse gênero: Ésquilo (525-524 a.C.), Sófocles (496-406 a.C.) e Eurípedes (480-406 a.C.), mesmo com poucas obras deixada, eles nos dão elementos, que elucidam essa etapa transitória do paradigma entre o mito e a filosofia.

A tragédia grega, em quando um saber literário e poético, nos levam aos elementos míticos e ofertam novas características às temáticas gregas, essa versão, marca a passagem para um contexto educativo, e de certo modo, pedagógico ao cortejarem questões religiosas, familiares, morais, sociais e políticas. Para esse feito os *tragediógrafos* (escritores trágicos gregos), utilizam técnica e elementos poéticos que traduziam e representa a Grécia Clássica, em sua grandeza, sendo a tragédia, de certo modo, um instrumento educativo do povo grego. Assim, nesta linha de pensamento, pode-se considerar a mitologia e a tragédia, em tempos clássicos, como dinamismo e espaços para o pensamento filosófico.

Ao mencionar a tragédia grega com esse fato preponderante para a gestação da filosofia com forma de pensamento, têm que se levar em consideração os elementos como “origem” e “princípio”, presentes tanto nos discursos das obras clássicas, de Homero e Hesíodo. A questão da “origem”, em grego o termo *arché*, está presente também entre os pensadores do período chamado pré-socrático ou período dos naturalistas, que buscavam explicações para a origem da vida e do cosmos, esses pensadores postularam a unidade das coisas constituídas por um princípio comum a tudo que existe, como a água, o fogo, o ar e a terra (*ápeiron*), termo usado por Anaximandro de Mileto . Assim, em um processo continuado da história da filosofia, a presença dos clássicos pensadores: Sócrates, Platão e Aristóteles, fazem referência aos enredos trágicos, principalmente, o filósofo Aristóteles, que caracterizou a tragédia como uma experiência poética e filosófica, e ainda dedicando obras à questão poética, na qual tratou de características e composições do gênero literário.

Buscar essa referência na literatura, sobretudo na tragédia, nos permite pensar as estruturas presentes nos mitos e se torna uma tarefa essencial para estudar a composição conceitual das novas formas de pensar ao longo da história, até a modernidade, uma desvinculação dos mitos e uma iniciação filosófica. Portanto, deve-se levar em consideração todos os elementos presentes neste processo de nascimento da filosofia como novo modo de pensar, pois somente através desse retorno ao passado é possível rememorar os percursos feitos dos poetas, literatos até os filósofos. Assim ao conhecermos esse advento, adquirimos a noção elementar, com suporte primordial dessa evolução de pensamento até os pensadores da atualidade, às grandes escolas e sistemas filosóficos, que trazem consigo a transmissão da possibilidade de filosofar.

DO MITO (μυθος) AO LOGOS (λόγος): O SURGIMENTO DA FILOSOFIA (φιλοσοφία)

Em uma enfevercência cultural surgida em pleno desenvolvimento das polis gregas, cidades-estados independentes, com formas de governos distintos, com práticas religiosas diversas e sociedades bem definidas, é nesse complexo contexto que encontramos formas explicativas para a origem da vida, do ser humano e do cosmo, essas narrativas elucidam os elementos que circundam o viver dos homens, as relações entre eles, as guerras, as colheitas, a morte e a moralidade. De início, eram utilizadas explicações sem um fundo racional e lógico, baseado apenas nas crenças, em elocuções e discursos, que retratadas de forma religiosa, fantástica e literária, que denominamos mito.

Em grego o termo “*mythos*” expressa a narrativa explicativa da realidade, uma forma de discurso, sobre a vida e a natureza, uma perspectiva sagrada e dogmática de compreender o cosmos. Difere-se de ser apenas uma história sobre os deuses, uma teofania ou um conjunto estruturado de divindades imortais, para além disso, existiu um heroísmo, um ato de salvação e redenção, os caminhos e os descaminhos da humidade. O mito possuía mais que uma função social educativa de instrução moral. Gertsch (2023) ao relatar o mito em uma perspectiva platônica, apresenta a seguinte versão:

no contexto do surgimento da filosofia com seu pensamento racional na Grécia Antiga, no século VI a.C., é significativo observar como Platão, na contramão dessas novas tendências intelectuais, se apropriou do mito, recriando-o a partir de uma base filosófica, tanto para conferir-lhe uma função educacional em seu projeto político-pedagógico de reforma da pólis, quanto para veicular uma mensagem moral e religiosa na sociedade grega. Nesse sentido, observamos que Platão, na *A República*, atribui ao mito um lugar fundamental no âmbito do programa educativo (*paidéia*) a ser implementado na cidade ideal, sublinhando que a formação dos guardiões e artesãos é crucial para realizar a justiça e a virtude do cidadão na pólis. (Gertsch, 2023, p.21).

O mito era considerado uma história sagrada, narrada pelo rapsodo (*espécie de sacerdote*), que supostamente era a pessoa escolhida pelos deuses para transmitir oralmente as narrativas. O fato de o narrador advir de uma escolha divina, atribuía ao mito lhe conferir um caráter de incontestabilidade, pois os deuses eram inquestionáveis. Importa referir que, além de explicar as origens, a mitologia, o conjunto dessas histórias fantásticas - desempenhavam um papel moral. Esse tipo de narrativa era pertinente para responder aos questionamentos até que, a partir do século VII a.C. as explicações oriundas dessas histórias iam deixando de satisfazer os primeiros filósofos gregos - os pré-socráticos. Assim, o mundo começava a ser investigado através da razão, priorizando o natural em detrimento do sobrenatural. Começando a fazer uso da razão, os filósofos deixam de acreditavam nos mitos e exigiam comprovações para além da condição posta pela fé.

O mito é uma manifestação coletiva da vida, delineado pelo imaginário e justificado por forças inconscientes. Mas o mito não é resultado de um delírio ou loucura e muito menos uma simples mentira. O mito fez parte do viver humano, nasce dessa capacidade mental de ralação entre o homem e a natureza, das ações que ele realiza no mundo, na comunidade, consigo mesmo, com o universo em sua volta, em um sentido cosmológico.

A função do mito é ou era, nos tempos clássicos, de estabelecer o contato do homem com o mundo que o atravessa, diante da angustia de viver, dos desejos, dos sonhos, dos medo, da insegurança e do desconhecido da morte, pois o próprio humano passou a si considerar superior ou transcendental a própria natureza física, construiu para si uma metafísica, assim o mito possibilitou um tranquilizar da mente, de certo criou uma consciência coletiva.

A consciência mítica é desprovida de problematização, comportava-se ou atuava de modo primitivo, iniciante e supunha uma aceitação ou crença, possuia prescrições dogmáticas e ritos específicos. Essa forma de consciência, decorreu ou advém de uma visão moral, que é estabelecida pela vida coletiva, sem criticidade, mas que por si mesma estabelece regras à consciência, de certo modo é uma *paidéia*, no sentido grego.

O ocidente em quanto forma de pensamento possui essa tradição grega, uma alma mítica, que de certo modo foi superada pela tradição filosófica, mas essa marca da cultura grega, com uma raiz, faz brotar um saber espiritual e religioso. Há de se levar em consideração, que o helenismo, levou ao mundo, os grandes filósofos gregos, considerando

as obras e pensamento dos pré-socráticos, até os clássicos Sócrates, Platão e Aristóteles, fontes de conhecimentos e de teorias, que mesmo para as sociedades pós modernas, constituem como as referências de superação da condição mítica à filosófica, entende-se aqui a condição do homem de por si próprio pensar, mas que seguiu um percurso do mito ao logos. Assim, o estudo do mito e sua relação com o processo da cultura ocidental e helenística, tem sentido e importância para a compreensão do conhecimento grego, até o surgimento da filosofia, como uma forma racional de pensar.

O mito é uma criação de beleza poética, fantástica e literária, que traz em significativos pontos uma distinção primária da filosofia, enquanto saber, ao mesmo tempo, é uma formação das muitas dimensões religiosas. Os grandes poetas gregos, Homero e Hesíodo narraram em suas obras esse requintado e valioso saber mítico. Em *Odisseia* e *Ilíada* observamos os dilemas humanos, a vida, a morte, a guerra, a dor, os prazeres, mas de um modo destacadamente moral, em formato educativo, por que não pedagógico.

Nos tempos antigos, melhor clássico, entre os séculos XII a III a.C. a cultura grega, de certo modo as tradições mais arcaicas, encontraram uma forma privilegiada de estruturar e se organizar, por meio da oralidade, ou da escrita, de suas histórias vivenciadas nessa tradição narrativa, através de seus conteúdos míticos, que se preocupavam em explicar os princípios básicos e os acontecimentos da vida e da realidade por meio de uma visão sobrenatural. O mito sendo essa narrativa dos fatores humanos, traduzida por um aspecto poético, faz ou fez de certo modo a interação entre o homem e o cosmo. Para Aristóteles, o mito constituía uma forma atenuada de intelectualidade e também, um instrumento de controle social. Segundo Luc Brisson, Platão classifica o mito como: “uma passagem por intermédio da qual uma dada coletividade transmite de geração em geração, aquilo que ela guarda na memória de seu passado, porque o considera como parte da sua história” (Brisson, 2002, p. 72).

A FUNÇÃO DO MITO

A função do mito foi primordial para explicar o mundo, a natureza, a vida, e de certo modo, possuía esse caráter educativo, ao passo que acomodava ou tranquilizava o ser humano em suas inquietações e busca por suas origens, quem ele era e qual o seu destino final, um espécie de escatologia, e hermenêutica da vida. Isso, se manifestou em três distintas formas: Primeiro lugar ao indicar um criador, um arquiteto das coisas e seres.

Um ato criativo em certos aspectos decorrente das relações entre as forças divinas e os pessoais, como no nascimento do deus Eros. Em segundo lugar, em uma espécie de rivalidade e aliança, mesmo na contradição, esse entre os humanos e os deuses, que de modo paulatino fez surgir o mundo, a exemplo da narrativa de Homero em *Ilíada* ou em *Gêneses*, em quanto revelação bíblica. Em terceiro lugar, encontra-se o castigo e a recompensa ao que atenderam ou renegaram aos deuses, a obediência ou a rebeldia, com no mito de Prometeu ou na tradição bíblica com a Arca de Noé.

MITOLOGIA E RELIGIOSIDADE

A cultura, de modo geral, carrega consigo tradições seculares e se desenvolve a partir de pontos muitas vezes representados por elementos míticos ou religiosos e em certos procedimentos não se pode determinar onde começa o mito e a religião, sendo essa uma narrativa que tenta explicar os fenômenos e o sobrenatural. Nesse sentido, Carlos Alberto Tovoli nos indica que:

A concepção religiosa se transforma em valores morais e sociais. Estes valores determinam a ideia de bem e de mal, de certo e errado, de justo e injusto. Por sua vez, estes mesmos valores conduzem o ser humano a uma forma de organização social. É neste contexto de concretude que estaremos situando mito e religião. (Tovoli, 2018, p. 264).

Como também é perceptível nas narrativas mitológicas a presenças desses elementos, constitutivos de uma dualidade, de uma divisão de mundo de uma separação entre o bem e o mal, em formato de aprendizado moral.

A estrutura do pensar mítico-religioso é dualística, por transitar entre o sagrado e profano, entre o bem e o mal, entre o herói e o vilão. Os elementos míticos de uma narrativa apresentação uma visão antagonista do mundo, presente no fundamento da cultura, que para o ocidente é compreendido como um valor para a vida humana, para moralidade. Desse modo, encontra-se uma correspondência entre o agir as filosofias de vida, em pressuposto de raciocínio e consciência moral, que no pensamento helenístico proporcionou uma reflexão sobre vários temas e ações, abra-se assim um precedente filosófico, a possibilidade de um questionar, da crítica a ordem constituída.

Considerando que o mito não é uma lenda, mas um conjunto de pensamentos e ideias de uma determinada época e lugar, mesmo pouco preocupado com o pensamento filosófico ou a científicidade, mais preso às crenças, mesmo assim, é possível perceber uma linguagem explicativa, da vida, da morte e da própria religião, que estão presentes nessa simples forma de pensar. “Todo mito é delimitador de uma cosmovisão. [...] O mito, de fato, é instaurador de realidades significativas” (Croatto, 2010, p.272).

Portanto, o que a narrativa mítica produz já se localiza na concretude histórica da vida humana e se torna determinante para a organização social. Ela passa a fazer parte do nível da “consciência empírica”, uma consciência coletivitligada diretamente à realidade vivencial, que passa pela intersubjetividade, define uma determinada visão de mundo e se torna real na concretude prática da vida em sociedade. (Tovoli, 2018, p. 217).

O homem se fez ao longo de processo, a cultura, a linguagem, a religião e a filosofia, partem de uma ampla possibilidade de pensar, esta é uma das razões para compreender essa passagem do mito ao logos ($\lambda\circ\gamma\circ\zeta$), o surgimento de modo singular de pensar que é a filosofia.

DO MITO AO LOGOS: NASCIMENTO DA FILOSOFIA

Toda cultura brota do chão de um povo, a grega não foi diferente se constituiu com um saber significativo, que por sua vez e as portas do mundo ocidental, forjou-se como a filosofia, em sua dimensão racional e reflexiva, um pensamento com dinâmica dialética, uma construção constante de conceitos e sentido.

Para compreender o significado e as estruturas do pensar filosófico foi preciso superar o mito, esse evento, como já vem sendo mostrado, tem destaque ao que muito foi produzido na Grécia helenística, uma mudança radical no formato de ver e pensar a realidade, agora, com a independência e a capacidade puramente humana, sem a interferência das forças ocultas, mitológicas ou religiosas, a de se estabelecer o uso da razão como uma faculdade ou disciplina que segue um método reflexivo, desafiando o humano a desvendar mistérios, produzir significados, que envolvam sua vida e seu ser. Essa percepção de um macrocosmo como ordenamento radical da multiplicidade de fenômenos, como os princípios originais do pensar, que se relaciona ao transcendental, em um sentido kantiano, ao depara-se com um universo de saberes, em processo dialético, histórico, linguístico e cultural.

O SURGIMENTO DA FILOSOFIA

Essa amizade, amor pelo saber, a busca da plena sabedoria, fez questionar-se tudo e o próprio ser, diante dessa complexa e exaustiva forma de pensamento, que chamamos de filosofia. Para melhor elucidação do surgimento da filosofia e suas origens, busca-se referências nas questões estéticas, religiosas, sociais, políticas e no pensamento clássico sobretudo na literatura mais antiga e de modo peculiar nos mitos, com vemos no seguinte relato de (Perine, 2002, p.36):

Na verdade, a filosofia, além do privilégio histórico de ter sido a primeira tentativa de compreensão do mito, tem consciência, desde a sua origem, do seu parentesco com ele. A filosofia, se não filha, é, pelo menos, irmã mais nova do mito e estabeleceu desde o seu berço uma fascinante relação de amizade e confronto com esse irmão mais velho.

A filosofia estética como um modo de pensar a arte, como uma expressão da imaginação humana. Esse saber laborioso tem a capacidade de significar e ressignificar o mundo estritamente humano, deste modo, está submetida a ação racional e, portanto, ao ato de filosofar. Por outro lado, a religião analogamente é um meio representativo, conceitual, que age por meio da fé e tem a pretensão de explicar o mundo por meio de suas doutrinas. De certo modo a vida humana, por meio das organizações sociais, políticas e econômicas fornecem as condições para o aparecimento dos questionamentos, acerca da vida, da morte, de modo geral dos fenômenos que tocam a sensibilidade humana. Diante dessa condição, os clássicos, em suas primeiras reflexões, apresentaram uma série de demandas e temas, tais como a política, a liberdade, a democracia, a moralidade e o conhecimento, nesse terreno fértil de pensamento, nasceu o modo de racionalizar e pensar estruturalmente: a Filosofia.

Em um processo histórico que antecede o surgimento do saber à filosófico, os poetas gregos possuíam espaço e papel central na dinâmica cultural, pois eram educadores e formadores de opinião e de espiritualidade. Os poemas homéricos foram, de uma forma particular, um modo de fazer pensar, uma breve iniciação racional, no que tange ao saber que os clássicos desejavam construir, por isso, a primeira oportunidade para que a filosofia se desponha como um paradigma de pensamento racional.

As narrativas homéricas marcaram a estruturação do sentido, da harmonia, da proporção e do limite, mediante a problematização do ser humano, como característica de uma reflexão filosófica na base de categorias ontológicas. Mesmo com características míticas, os poetas e suas histórias, levantaram de forma racional, os principais fundamentos da ação humana, enquanto um ser de cultura e capaz de produzir significados: “e esse modo poético de ver as razões das coisas é que prepara aquela mentalidade que, em filosofia, levará à busca da *causa* e do *princípio*, do *por que* ultimo das *coisas*” (Reale, 1990, p. 15).

Pode-se citar como exemplo os poemas homéricos, que apresentam a integridade da possibilidade da racionalidade, ainda que de forma mítica, dos deuses e dos homens, dos valores e elementos que expressam a experiência universal do ser humano. Tal realidade é apontada com a classe do sucesso, para a implantação do modo racional, como método de pensar, que estritamente se mostra como filosófico, inicia-se assim, um caráter expressivo de racionalidade.

Na modalidade poética do final do século VIII e início do século VII a.C., as características das obras literárias, apresentavam um enredo filosófico, como uma forma expressiva, que se compunha como epopeia, numa ordem impersonal e coletiva. Outro ponto importante para o surgimento do pensar racional e filosófico, pode ser percebido na manifestação das *teogonias*, como conhecimento mitológico, em um discurso religioso, mas em fundo de razoável forma de racionalização, uma espécie de teologia primária, à medida das possibilidades hermenêuticas, em um contexto capaz de discutir as origens do mundo, dos deuses, das forças da natureza e do viver propriamente humano. Nesse ambiente nasce a filosofia, como fruto da ação intervadora do homem, com o real questionamento de seu próprio existir, em uma busca incessante por conhecimento do mundo real, natural, em um significativo teor linguístico, simbólico e cultural. Agora podemos filosofar.

A NATUREZA DA FILOSOFIA

Consideremos que todo homem, naturalmente é desejoso de um saber, por simplório que seja. Esse desejo ou busca pelo conhecimento se manifesta no início de sua vida e o acompanhará ao longo de seu viver. O ser humano quer sempre saber seja pelo pensamento filosófico ou pelos princípios da ciência, busca atingir os meios necessário para satisfazer sua curiosidade natural. “Todos os homens desejam saber; e o objeto próprio deste desejo é a verdade... A sede da verdade está radicada no coração do homem” (João Paulo II, 1988).

O CONCEITO CLÁSSICO DE FILOSOFIA

A palavra filosofia tem por tradução literal amizade ao saber, ao conhecimento, originalmente o terno foi atribuído pelo filósofo Pitágoras. Entre os antigos, a filosofia era considerada uma ciência universal, que contemplava os mais diversos conhecimentos e agrupava um conjunto de saber científico, com uma arte de pensar ou de usar a razão.

A modernidade deu a filosofia um novo sentido ao desmembrar os campos dos saberes em ciências distintas e em disciplinas específicas, mas a filosofia permaneceu como a fonte da atribuição do saber racional e reflexivo.

A concepção desse saber puramente filosófico inaugurado pelos clássicos, perpassa todo pensamento ocidental, até a revolução científica proposta pela modernidade, período em que houve um deslocamento de saberes puramente filosófico e dos primordialmente concebidos com ciência, assim distingue-se um modo reflexivo e método moderno de pensar: a racionalidade.

A filosofia intitulada como um saber, quase natural do ser humano, mergulha na profundidade de um oceano de pensamentos, procurando o mais reais e significativos conhecimento, na constituição do caráter da verdade, sendo assim, ela passa a ser o *philos* (amigo) e a *sophia* (sabedoria), constituindo essa amizade, formato de busca pelo conhecer, pela racionalidade.

O MÉTODO DA FILOSOFIA

O método de uma ciência, depende de seu objeto de pesquisa, da especificidade que se deseja alcançar. Para empregar o método reflexivo filosófico é preciso ter claro o objeto da filosofia e o que se pretende analisar. A filosofia constitui em si mesma a racionalidade como condição ao pensar. A filosofia parte da experiência da separação de mundos distintos ao da razão, pois seu princípio primordial está na racionalização, na possibilidade de problematizar, não ao acaso, mas intencionalmente, elevando assim a condição mais sublime de pensar.

CONCLUSÃO

O pensar nos faz tomar consciência de si, refletir sobre as vertentes que nos apresentam como verdades. Ao dedicarmos com labor e comprometimento ao fazer da filosofia chegamos ao mundo da razão, com fonte primeira das dimensões do conhecer. Sempre que fazemos o exercício do pensar, escapamos do senso comum e desvelamos os obscuros absurdos da ideologia que nos assola e que dominar. Ter clareza e objetividade com práticas de uma lógica filosófica que impulsiona a busca pela verdade.

Nesse sentido a saída do mito para a filosofia é um dos eventos mais relevantes que a humanidade poderá alcançar, seja pelos clássicos, medievais, modernos ou contemporâneos, os renomados filósofos nos deixaram um legado da razão, uma possibilidade de pensar, agir e viver com mais clarividência de pensamento. Ainda hoje, podemos levar às escolas, aos estudantes e os professores, essa formação, que nos permite adquirir uma liberdade, autonomia intelectual, ao exercitarmos os caminhos que a filosofia nos apresenta como uma estrada para a racionalidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Aristóteles. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.
- BORNHEIM, Gerd. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- BRISSON, Luc. *Introdução à Filosofia do Mito*. Tradução de José Carlos Baracat Junior. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- BRISSON, Luc. *A atitude de Platão a respeito do mito*. In. Revista Veritas, Porto Alegre – RS. VI. 47, nº, mar de 2002 (p. 71 a 79). Tradução do francês por Dr. Sônia Maria Maciel- PUC-RS).
- TAVOLI, Carlos Alberto. *A espiritualidade para além ao Mito e da Religião institucionalizada*. In. Revista Religare (UFPB). VI. 15, nº 1, agosto de 2018. (p. 260-285).
- CASSIER, Ernst. *Antropologia Filosófica*. Tradução de Vicente Felix de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- HÂTELET, François. *Curso de História da Filosofia: A Filosofia ocidental do renascimento aos nossos dias*. 6a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- HESÍODO. *Teogonia: Origem dos deuses*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- GERTSCH, Hans Peter, A função educativa do mito no projeto político-pedagógico de Platão: Mytos e Paideia nos livros II e II da República. In. Contextura. BH. Vol. 12, nº 19, dez 2032, p. (19-33).
- JARESKY, Kris. *Mito e Lógos em Platão*. São Paulo: Paulus, 2015.
- KIRK, Geoffrey; RAVEN, John; SCHOLFIELD, Malcom. *Os Filósofos Pré-socráticos: História Crítica com Seleção de Textos: As fontes da Filosofia Pré-socrática*. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. 7a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- LIMA, Vaz H. O. *Ontologia e história*. São Paulo: Loyola, 2001. (1.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1968).
- MITTO, In. Enciclopédia Barsa. Vol. 2. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1998.
- PAULO, João II. *Carta encíclica Fides et Ratio*. São Paulo. Paulinas, 1998.
- PERINE, Marcelo. *Mito e Filosofia*. Revista Philósophos. 7ed, Vol. 2, p. 35-52. Goiânia, UFG: 2002.
- REIS, Maurício de Novais. *O Nascimento da Filosofia: Discurso sobre a Hipótese da Pluralidade*. In. Revista Humanidades e Inovação v.8, n65. Unitins: Palmas, 2021.
- TELES, Antônio Xavier. *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo, 1993, Difusão Europeia do Livro.